

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Mosaico romano, pelo sr. CESARIO AUGUSTO PINTO.....	Pag. 145
A ourivesaria hespanhola, profana e religiosa—(Continuação) pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS.....	146

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Société académique indo-chinoise.....	150
Descobrimento da cidade romana «Nabancia» em Portugal, pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	152
Anthropologia—(Conclusão) pelo sr. JOÃO DE ANDRADE CORVO.....	154
Pedido ao governo, Discurso proferido na camara dos dignos pares pelo sr. CONSELHEIRO JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	158
Chronica.....	159
Noticiario.....	159

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

MOSAICO ROMANO

Quando em outubro de 1877 a Camara Municipal de Guimarães justou a reconstrução de uma rua com aqueducto no centro, no sitio da Lameira, nas Caldas de Vizella, descobriu o empreiteiro, ao abrir o cavouco para o aqueducto, uma porção de mosaico pertencente a uma piscina das antigas thermas romanas. Varias descobertas tem sido feitas n'este genero em diversas escavações praticadas por particulares e operarios do Municipio, porém, que me conste, nenhuma tão interessante como esta.

Os differentes specimens de mosaico que alli tem apparecido, são apenas de duas côres, branca e preta, em quanto que este ultimo apresenta, além de um desenho mais apurado e variado, tres côres que em nenhum dos outros se encontra, que são : o roxo terra, o amarello, e um azul muito esvaído.

Dá-se na construcção d'este mosaico uma singularidade digna de reparo. Á primeira vista a ideia que occorre a quem o vê, é que elle é formado de basalto, calcareo, sanguinha e ocre ; quanto ao azul esvaído fica-se em duvida, porque essa côr só apparece estando a superficie molhada, de contrario apenas se descobre um tom de carne tão claro que mal se distingue.

Examinando porém cada uma das fôrmas de que se compõe o mosaico, depois de bem humedecidas, descobre-se que o branco é uma composição que tem por base o gesso, o preto é feito com terra preta e a mesma composição de gesso, e o roxo terra é tijolo moido misturado com a composição que lhe dá a consistencia, e o amarello é a ocre no seu estado natural.

Qualquer d'estas composições deixa-se raspar por um canivete com a maior facilidade — estando bem humida, — o que por certo não aconteceria ao basalto, nem mesmo ao calcareo, ainda que a acção da agua sulfurea lhes alterasse a textura, o que se limitaria a uma tênue camada de sulfureto, que geralmente se forma em todos os revestimentos das piscinas antigas ; pelo contrario d'isso todos os quadrados de que se compõe o mosaico estão mais gastos que o cimento que lhes rodeia as juntas, dando-se ainda a particularidade de que a ocre, que me pareceu estar no estado simples, e por tanto mais soluvel, é justamente a que menos tem sido atacada pela acção corrosiva da agua, e que ainda conserva o maior relevo.

As côres que o desenho representa, são aquellas que appareceram no mosaico depois de lavado, e se conservaram em quanto humido ; depois de secco tornou-se de côr cinzenta tão opaca, que se confun-

dia quasi com os espaços deteriorados, que copiei fielmente.

O mosaico é assente sobre uma camada de cimento grosseiramente manipulado composto de tijolo mal moído, cal e areia, com proximamente dois centímetros de espessura, e esta assente sobre outra camada de argamassa, mais tosca ainda, fabricada com cal e detritus de granito, com tres centímetros de altura.

O aspecto geral do mosaico é muito agradável, mas, examinando-se detalhadamente, depressa se distinguem immensas irregularidades, devidas sem a menor duvida á falta de uniformidade das pedras que o compõem, que varia entre oito e quatorze millímetros em quadro.

Os desenhos de igual padrão diversificam entre si de modo a não haver dois perfeitamente iguaes, e entre as inexactidões que se podem notar no desenho que acompanha esta breve descripção, não é de certo a menor a regularidade dos traços que representam as juntas, que no original são todas sinuosas.

Copiar cada figura em separado, seria um trabalho insano, que mal se apreciaria, nem a pressa que o empreiteiro tinha de assentar o aqueducto me permitia executar esse trabalho, que me pareceu desnecessario, attendendo á pequenez da escala.

A piscina parecia estender-se para o noroeste, que é o lado superior do desenho, e não faltou quem desejasse continuar a descobri-la: mas como a mui curta distancia da escavação — que tinha para cima de dois metros de profundidade, — existem predios mal construidos, e quasi sem alicerces, o receio de um desabamento fez com que desistissem do intento. Quer durante a escavação, quer em quanto se assentou o aqueducto, houve-se o empreiteiro sempre com o maior cuidado, e pode-se dizer afoutamente que o mosaico não soffreu deterioração alguma.

Sei de boa fonte que alguns predios da Lameira estão edificados sobre preciosidades iguaes a esta. Tudo leva a acreditar que na epoca dos romanos estas thermas occupavam uma grande superficie, e fôram por ventura as mais apreciadas da Peninsula; os claros vestigios de uma povoação importante, que se encontram perto da igreja de S. Miguel das Caldas, e o esmero com que eram revestidas as piscinas, são provas evidentes do apreço em que já n'aquelle tempo eram tidas as nascentes thermaes de Vizella.

Ao abandono em que por largos annos parece ter ficado entregue aquella obra, e não menos á mão destruidora dos homens, devemos attribuir os estragos que se notam em todas as construcções antigas até agora descobertas n'aquelle local.

Caldas de Vizella 27 de abril de 1882.

Cesario Augusto Pinto.

Socio effectivo.

A OURIVESARIA HESPAÑHOLA, PROFANA E RELIGIOSA

ENSAIO HISTORICO

VI

(Continuado do numero antecedente)

Graças á exploração dos archivos para o estudo das questões economicas, industriaes e artisticas, já principiado em Hespanha no seculo xviii por Capmann, feita em maior escala por Cean Bermudez no fim d'esse seculo, e muito desenvolvida em nossos dias por um corpo de archivistas bem organizado, é possível seguir a historia da ourivesaria e joalheria hespanhola sem solução de continuidade em todas as suas phases.

Já fallamos rapidamente dos trabalhos visigothicos anteriores ao seculo viii, da arte arabe, que a seguiu immediatamente; acima alludimos á ourivesaria romanica dos seculos xii a xiv e ao apparecimento do estylo gothico no fim do seculo xiv. O desenvolvimento d'este estylo pertence porém ao seculo immediato; a obra de *mazoneria* ou *cresteria*, tambem chamada *obra moderna, barbara*¹, em opposição ás formas classicas: *obra antiga* ou *romana*, attinge o seu ponto culminante nas mãos do celebre Henrique de Arphe, chefe da famosa familia de artistas d'este nome. Este ourives, Francisco de Artau, os dois Castelnou e Juan de Segovia (para citar só os mais notaveis de cada epoca) representam o *gothico puro*, na força do seu desenvolvimento; Diego Vazquez, Diego de Vozmediano e Juan de Orna o *gothico florido*. Segue o grupo dos representantes do *estilo plateresco*, de transição para o Renascimento, Alonso Becerril, Duarte Rodriguez, e Jaume Serra; e depois, engrossando sempre, os adeptos do estylo da Renascença em dois grupos, o dos partidarios da Renascença italiana, exuberante, cheia de vida, phantasia e liberdade e o dos puristas, dos partidarios do classicismo puro. Á frente do primeiro, caminha Juan Ruiz, o chefe da escola da Andaluzia, André Ordoñez, Ramirez de Toledo e Antonio de Arphe; pertencem ao segundo Francisco Merino, os dois Hernandez (Gonzalo e Marcos) e Ballesteros. Um Arphe, o celebre Juan, auctor da custodia de Sevilha, e sem duvida o mais saliente do segundo grupo, fecha o cortejo triumphal que outro Arphe, seu avô, abrija.²

Apezar das innumeradas refundições³, dos vanda-

¹ Como era chamada toda a obra gothica, na peninsula, desde o sec. xiii a xvi. Mariátegui, *Glosario de arquitect.*, pag. 48, sub. *cresteria*.

² Dizemos fecha, porque tendo nascido em 1535 ainda assistiu á epoca de decadencia, pois era vivo em 1602.

³ Foram dictadas mais pela mania da moda, a predilecção pelo novo estylo, pela *obra romana*, do que pela necessidade, porque as peças *sagradas* eram respeitadas, ainda no meio das maiores crises publicas.

lismos, dos remendos, chamados restaurações, das vendas em leilão, e dos roubos feitos em grande escala pelos francezes, na guerra da independencia, e pelos nacionaes durante as luctas civis, o que resta á Hespanha de trabalhos dos seus ourivezes representa ainda um thesouro consideravel.

Recordaremos apenas algumas das peças mais importantes da ourivesaria religiosa, porque aqui, como nos dois capitulos antecedentes, trata-se de analysar a historia nos seus typos mais salientes, mais caracteristicos, e não de fazer um inventario completo.¹

Temos em primeiro logar uma serie de Cruzes de grande merecimento; uma bella cruz processional, de prata dourada (em chapa sobre haste de madeira, trabalho abolhado) do principio do seculo xv, pertencente ao Museu de Kensington, ornada de placas de esmalte translucido, quatro de cada lado, e tendo na frente o vulto do Christo crucificado, entre duas figuras da Virgem e São João, assentes sobre dois braços, que partem da haste principal; no verso vê-se o Padre eterno, e nas quatro flores de liz, ainda pouco pronunciadas, que rematam os quatro braços, os symbolos dos evangelistas. Nas flores de liz da frente dois anjos em adoração, em baixo Adão resuscitado, em cima um *cabochon*, engastado em filigrana. É um exemplar interessante, que revela a primeira manifestação, um pouco tímida, do estylo gothico na ourivesaria religiosa.²

Com um caracter gothico muito mais acentuado, apresenta-se uma cruz de altar da cathedral de Girona sec. xv, (Borrell, vol. II, pag. 253), ladeada por duas estatuas sobre ramificações da haste principal; os galhos desligaram-se porém do braço transversal da cruz e nascem mais abaixo, em o nó da haste. Citaremos em seguida a cruz de altar da cathedral de Sevilha, feita com o primeiro ouro, vindo da America³, de um estylo gothico severo, quasi nua de ornatos, com as hastes imitando lenho, recortadas em lobulos e ornadas de *cabochon* e campheus; sobre um taboleiro de forma hexagonal que separa a haste do pé vê-se a Virgem com o Christo morto, S. João, a Magdalena e outra figura, uma scena pathetica, de intensa expressão, que faz esquecer a dureza do desenho gothico e a modelação deficiente das figuras. O pé tem a forma

de uma grande rosacea gothica, de seis lobulos, com figuras esmaltadas.

Depois as cruzes processionaes das cathedraes de Toledo e de Leão (Laurent, N.º 247 e 186), ambas de estylo gothico, mas a segunda mais florida e um pouco posterior, segundo nos parece. São dois exemplares de bellissima obra de *mazoneria* e *cresteria*. A segunda, de ouro, é attribuida a Henrique de Arphe; todavia a outra, de prata dourada, obra de Gregorio de Verona, ourives de Toledo, leva-lhe a palma pela pureza do desenho, excellente adaptação dos elementos architectonicos e estilisação perfeita do ornato vegetal. A cruz de Leão recorda immediatamente os trabalhos da epoca manuelina, como a de Toledo recorda as formas do fim do reinado de D. João II¹, e outra cruz de altar, chamada de D. Affonso o Sabio (Laur. N.º 325), pertencente á cathedral de Sevilha, as formas do calice manuelino da Misericordia do Porto²; as hastes d'esta ultima parecem-nos interpolladas e datarem do fim do seculo xvi ou mesmo principio do seculo xvii.

Devemos citar ainda como um exemplar de trabalho delicadissimo em filigrana de ouro (Laurent, N.º 185) uma cruz pequena de altar da cathedral de Leão, sem vulto (todas as anteriores o tem), de estylo gothico florido, e uma grande cruz patriarchal, de procissão, tambem sem vulto, da cathedral de Sevilha (Laurent N.º 327), de estylo plateresco, com admiraveis figuras e baixos relevos em o nó da haste principal.

Uma cruz da mesma egreja, chamada do imperador Constantino,³ (Laurent N.º 326) accusa as formas do ultimo periodo do seculo xvi, já em transição para o estylo baroque do seculo seguinte.

Os calices hespanhoes não são de menor valia. Já enumeramos alguns dos mais antigos (seculo xi-xiv) puramente romanicos e outros que marcam a transição das formas esfericas para as formas pyramidaes da architectura gothica (exemplar da Academia de Madrid. v. retro pag. 115). Os exemplares dos seculos xv e xvi causam a nossa admiração pelo trabalho tecnico, mas nem sempre, sobretudo nos do seculo xvi, se allia ao merecimento da mão d'obra o valor da concepção geral artistica, a pureza do estylo; no meio da profusão dos ornatos perde-se a ideia da obra, o caracter; esquece-se mesmo o fim a que ella se destina, perde-se o sentimento

¹ Davillier traz mui poucas gravuras de peças de ourivesaria religiosa; completamos a exposição com as reproduções da nossa collecção, e de outras obras hespanholas. Muitos dos objectos, que citamos, foram vistos nas proprias localidades em tres differentes viagens que fizemos pelas provincias de Hespanha em 1871, 1875 e 1881.

² Riaño, *The ind. arts.*, pag. 21, descreve os esmaltes c. grav.

³ A obra seria pois do fim do sec. xv, quando menos de 1492-1800. Parece-nos muito anterior, do fim do sec. xiv ou principio do sec. xv. Laurent, N.º 322.

¹ Compare-se com a cruz grande processional, que foi de Alcobaça, na Academia de Lisboa, Parial N.º 12 ou Laurent N.º 224.

² Esta cruz não pode ter sido dada de Affonso o Sabio (sec. xiii); é de estylo gothico florido, do fim do sec. xv; julgamos até que primitivamente foi um calice, a que cortaram a copa, pondo-lhe em seu logar a cruz, que hoje tem.

³ O nome vem-lhe de uma reliquia da *veracruz*. É ornada de pedras preciosas e tem pendentes da maçã oito campainhas.

das proporções, perde-se o *estyllo*, em summa, e temos em seu lugar a *maneira*, a expressão absoluta de um capricho individual. Já dissemos isto a proposito da ourivesaria religiosa da epoca manuelina (v. retro, pag. 17), e sob este ponto de vista a arte hespanhola peccou como a arte portugueza. O artista não procurava a expressão mais elevada da arte; satisfazia o seu capricho, ou obedecia ao capricho alheio, á aspiração do momento que era: deslumbrar pelas apparencias. A prova de que era possível crear obras de bellissimo effeito e de excellente *estyllo* com os elementos do gothico florido estava dada, e marcado o limite extremo, a que se podia avançar, em obras estrangeiras anteriores ás nossas ¹. Sobre carregando os objectos, multiplicavamos apenas os motivos conhecidos, sem introduzir elementos novos, porque não fôramos nós que havíamos inventado o systema.

Os artistas hespanhoes souberam, comtudo, corrigir em muitos casos o impulso indisciplinado do genio peninsular. O contacto com a Italia, que foi intimo durante seculos, constante e ininterrupto, preveniu os maiores desvarios da imaginação; o estudo theorico e pratico dos modelos da antiguidade fez-se, *in loco*, mui cedo; recebeu-se a nova doutrina a tempo, completa, e não em segunda mão, fragmentada, como nós; deu-se ensino completo em boas escolas nacionaes, que tinham os melhores compendios ², os melhores modelos, e podiam renovar constantemente o seu material, porque as viagens á Italia eram continuas e demoradas, e não dependiam de um acaso. ³ Em Roma houve

¹ V. o bellissimo calice de Admont do fim do sec. xv em Lutzow *Kunst und Kunstgw.*, pag. 504; um calice allemão de *estyllo* gothico florido de 1450 no museu de Kensington (N.º 631), que podia passar perfeitamente como manuelino.

² Em 1526 e, seguindo outros, em 1520 estava publicado o primeiro tratado hespanhol, segundo os novos principios artisticos; Sagredo, *Medidas del Romano*, que teve varias edições até 1564. No decurso da segunda metade do sec. xvi foram-se publicando os tratados de Serlio, e Alberti, traduzidos por Villalpando e Lozano, além da traducção de Vitruvio por Miguel de Urrea, em 1582, Alcala; não contamos aqui as traducções de Paladio, por Juan de Ribera, e de outro auctores, que corriam em copias. Nenhum d'estes auctores foi traduzido em portuguez! Apenas Addré de Rezende fez a traducção do tratado de Alberti por ordem de D. João III, que conhecia a necessidade de um compendio vitruviano. Ficou porém em ms.; d'este modo a doutrina de Vitruvio não chegou a ser exposta em portuguez, senão no seculo xviii, pelo Padre Ignacio da Piedade Vasconcellos, 1733, que a reduziu de Vignola, indirectamente.

³ V. *As viagens de Francisco de Hollanda* na revista *A Volta do Mundo*, vol. I, pag. 271. Este auctor foi o unico artista portuguez que coordenou methodicamente as suas impressões, e accentuou a importancia da questão theorica e scientifica; ainda assim o seu primeiro tratado é de 1548-1549. Os outros que foram á Italia antes, por ordem de D. Manoel, nada deixaram; receberam impressões ephemerhas. Hollanda foi o unico que se demorou, (9 anno-) porque insistiu em ficar, reconhecendo como todos os grandes artistas italianos, a necessidade de fazer profundos estudos theoricos; e nem por isso teve quem lhe publicasse uma linha, depois do regresso a Portugal.

mesmo uma colonia notavel de artistas hespanhoes durante todo o seculo xv e xvi.

Borrell (vol. II, pag. 256) apresenta-nos um bello typo de calice do seculo xv, que pertenceu ao extincto mosteiro de Santa Maria de Junqueras, e que representa o *estyllo* de transição do fim do seculo com uma sobriedade de ornatos e uma sciencia de combinação dos elementos constructivos, que merece o maior elogio. No pé tem gravado o escudo dos reis catholicos.

A collecção de M.^r Odier (França) tem um calice do principio do seculo xvi, de *estyllo* gothico florido, de prata dourada, mas ainda correcto no desenho e de boas proporções. A ornamentação é pouco vulgar; são flamulas ou raios que sobem da garganta do calice para a copa até dois terços da sua altura, deixando a borda lisa; o outro feixe de raios parte, em movimento descendente, de uma laçaria de vimes formada um pouco abaixo do nó, cobrindo a maior parte do pé com flamulas rectas e ondeadas, alternadamente, como as da copa. O nó, primorosamente cinzelado, compõe-se de oito arcadas de *estyllo* ogival florido, em cujos nichos se destacam outras tantas figuras de apostolos sobre fundo de esmalte translucido, ora verde, ora azul. A ornamentação é abundante, como se vê, mas foi habilmente distribuida e calculada. ¹

O museu de South-Kensington possui outro calice do meado do seculo xvi, de prata dourada, lavrado de buril, que é um typo hespanhol caracteristico, excellente composição sob qualquer ponto de vista: proporções, ornamentação, engaste da pedraria. A haste tem a forma de balaustre, a copa é de elegante desenho, o pé oitavado, os motivos ornamentaes estão em perfeita harmonia entre si e cingem-se de uma maneira adequada á construcção da peça. ²

O mesmo museu possui outro calice do principio do seculo xvii tambem de prata dourada, mas menos correcto e menos caracteristico; comtudo serve-nos para demonstrar que uma tradição bem enraizada, derivada de um bom ensino, resiste ainda por muito tempo á influencia dissolvente da moda e dos seus ephemerhas caprichos. É um typo do seculo xvii, mas que ainda se pode ver ao lado das composições francezas e allemãs d'essa epoca. O lavor tecnico é de dois generos, de buril na copa e abolido no pé; o nó de dez faces, contém em cada secção uma figura de apostolo, applicada sobre um fundo de esmalte azul translucido. ³

As custodias ainda excedem as cruces e calices

¹ Davillier, pag. 53, grav. do calice com uma bellissima patena.

² Riaño, pag. 30. Tem a marca S. I. de Salinas, e a patena a data 1549. Na copa a inscripção: *† Sanguis meus vere est potus.*

³ Riaño, pag. 31, com grav. em ponto grande. Brazão com as iniciaes L. B. P.

em concepção genial, valor artístico e valor intrínseco. É ahí que a ourivesaria hespanhola realisa os maiores problemas. Lembraremos os seguintes exemplares:

Uma Custodia de prata do genero plateresco (Laurent N.º 289), de delicada execução e sobretudo curiosa pela singular mistura de estylos. A base forma uma rosacea de oito lobulos, coberta de lavor abolido de folhagens, no estylo gothico florido, em lavor de mazoneria; o tabernaculo figura um templo de forma hexagonal, cujos elementos constructivos (botareos com pinaculos, arcos botantes, etc.) pertencem tambem ao estylo gothico; porém as laçarias lobuladas que deviam preencher os vãos das janellas (arcos de volta redonda) formados entre os botareos, desapareceram; em lugar d'essas laçarias lobuladas, características do estylo ogival, temos uma renda de folhas e flôres de puro estylo da Renascença, como as que cobrem o pé da custodia; uma ornamentação perfeitamente identica cobre ainda a pyramide de seis lados, *percée à jour*, que forma a coberta do templo; sobre a flôr crucial, que envolve uma esphera, uma cruz moderna.

É de estylo plateresco, e representa-o de uma maneira brilhantissima, a custodia de prata da cathedral de Zaragossa. É uma *custodia de asiento*, uma construção monumental, composta de cinco corpos, além da base e do remate. Uma descripção minuciosa d'esta peça extraordinaria, que peza 200 kilogrammas, levar-nos hia muito espaço e seria quasi impossivel fazel a de modo a dar uma ideia exacta da obra ao leitor; é uma igreja de prata em ponto pequeno, que serve de templo á custodia; ¹ o schema tradicional d'estas peças, pé, haste, nó, tabernaculo e remate, perdeu se no meio d'esse labyrintho de columnas, nichos, baldachinos, estatuas, varandas, etc. Queremos convidar apenas o leitor a examinal-a miudamente (Laurent n.º 723), se não tiver a fortuna de a vêr em Zaragossa mesmo. O effeito, á vista, é deslumbrante; a execução technica rivalisa com a dos melhores trabalhos que conhecemos, inclusive na modelação da figura humana. O plano geral é um tanto pezado, em virtude das proporções um pouco diminutas das peças lateraes do corpo central, que deviam subir até ao terceiro, em nosso parecer. Não se conhece, infelizmente, o nome do autor d'esta peça prodigiosa, que foi executada em 1537. ²

Completa, perfeita em todo o sentido, é a custodia de Juan de Arphe, da cathedral de Sevilha (Laurent n.º 320). Proporções perfeitamente calcu-

ladadas, desenho puro, execução harmonica, sempre igual, ainda nos menores detalhes, uma arte admiravel de modelar o relevo em todas as escalas imaginaveis, uma fecundidade inexgotavel de motivos, tudo concorreu para crear a esta obra a sua reputação excepcional. É com effeito a obra de um artista completo, cuja educação chegou á altura do seu genio natural. É impossivel, ainda n'este caso, dar uma ideia exacta d'esta custodia em poucas linhas; outros gastaram n'isso cadernos de papel, ¹ e não conseguiram retratar fielmente o original; de resto, a custodia pôde vêr-se com facilidade em Sevilha, nas celebres festas da Semana Santa; um exame não bastará; vê-se segunda e terceira vez, descobrindo-se n'ella sempre novas bellezas. A sciencia de Juan de Arphe revela-se na maneira admiravel como aproveitou as fórmulas do puro classicismo, que já então ² se movia com difficuldade em moldes peza-dos e monotonos, já quasi immobilisados, sahindo raras vezes de um typo convencional, ³ ou cahindo nos desvarios do estylo baroque, quando pretendia innovar. Compare-se, por exemplo, a custodia de cobre dourado do Kensington Museum, ⁴ que data de 1537, com a de Arphe, concluida em 1587; é uma differença de cincoenta annos, e, entretanto, dir-se-hia que as datas dos objectos deveriam ser trocadas. Aqui, a criação original, a obra do genio; ali, a imitação, a complicação do motivo, o typo convencional, embora de merecimento, de um artista de segunda ordem.

Além d'estas tres especies principaes de *piezas de iglesia*, cruz, calice e custodia, restam-nos outras de muito merecimento, que deveriam ser descriptas n'uma historia da ourivesaria hespanhola; aqui trata-se de condensar essa historia n'um capitulo, que tem de servir de complemento á exposição sobre a ourivesaria portugueza. Entretanto passaremos ainda alguns typos característicos d'outras especies em rapida revista, antes de entrarmos na ourivesaria profana e joialheria.

Temos em primeiro lugar os *relicarios*, que se ligam naturalmente ás custodias. ⁵ Já mencionamos um muito notavel de Nossa Senhora del Cabello, po-

¹ Laurent n.º 320. A custodia tem 3 metros e 25 centímetros de altura e carrega 24 homens. Foi descripta de um modo incompleto por D. Antonio Ponz, *Viage*, vol. ix; por Cean Bermudez, no seu *Dicc.*, vol. i, pag. 60, segundo um opusculo descriptivo da obra, publicado em 1587, já rarissimo no seculo passado. O sr. Zarco del Valle publicou-o por extenso na revista *El arte en Espana*, vol. iii, pag. 174; occupa ahí 18 pag. em 4.º gr. No *Museo espanol*, vol. viii, pode lêr-se um interessante estudo de Rosell y Torres, sobre a custodia, com grav.

² A custodia levou sete annos a fazer, 1580-1587.

³ É o typo da nossa custodia de Mertola, de S. Martinho de Feijões, de Santa Iria, etc.

⁴ Riaño, pag. 77.

⁵ Veja-se o relicario-custodia da igreja de Sainte Waudru (Mons) *Demmin*, vol. i, pag. 170.

¹ E com effeito são duas custodias, uma dentro da outra; n'este caso chama-se a maior: *custodia de asiento*, e a menor: *custodia de mano*, ou portatil; a mais pequena está dentro do segundo corpo.

² Nenhum dos auctores que consultámos, Ford. pag. 959, Lavigne pag. 226, Davillier, o apontam.

lyptico, de estylo gothico, da segunda metade do seculo xiv. No thesouro da cathedral de Santiago conserva-se outro da *Santa Espina*, tambem d'estylo gothico, mas do seculo xv; tem uma fórma que se aproxima do desenho da custodia gothica; o tubo cylindrico, que contém a reliquia, está ladeado por duas figuras de santos, assentes sobre dois braços, que partem do ultimo terço da haste.¹ Na cathedral de Gerona existe um notavel relicario gothico, tambem do seculo xv, com a mesma disposição das

¹ *Museo esp.*, vol. v. No Museu de Kensington existe uma cruz alemã de cerca de 1400, com uma disposição identica, n.º 7:939, Collecção, vol. i, 60.

figuras lateraes, sobre ramificações da haste principal (Borrel, vol. II, pag. 234). O thesouro da igreja de S. Isidoro, em Leon, possui alguns relicarios muito notaveis, já em puro estylo do Renascimento (meado do seculo xvi); um d'elles, o maior e mais precioso, construido pelo typo das grandes custodias, em quatro corpos, além da haste e do pé, contém uma maxilla de S. João Baptista.¹

(Continua.)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

¹ Laurent n.º 197, representando tres exemplares diferentes; os outros dois tem uma mão de S. Martinho, um dedo de São Isidoro e cabellos da Virgem.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

SOCIÉTÉ ACADÉMIQUE INDO-CHINOISE

Pedem-nos a publicação do seguinte:

« Dans la dernière séance de la Société Académique Indo-Chinoise, Mr. le marquis de Croizier, président, en annonçant le retour de Mr. le lieutenant de vaisseau Delaporte, membre de la Société, chef de la mission archéologique du Cambodge, qui vient de débarquer à Toulon, sur le transport de l'Etat *le Tonquin*, a fait connaître les principaux résultats acquis par la mission.

« Mr. Delaporte, accompagné d'une partie de son personnel, quittait Marseille le 3 octobre 1881; dès son arrivée à Saïgon, il a rencontré l'accueil le plus bienveillant de la part de Mr. Le Myre de Vilers, gouverneur de la Cochinchine, qui mit de suite à sa disposition un bâtiment à vapeur, et lui fit allouer par le Conseil colonial une subvention de 8,000 francs pour les premiers frais de son voyage; la grande Compagnie de navigation Roque lui offrit ses chaloupes à vapeur, en lui proposant de transporter gratuitement son personnel et son matériel pendant toute la durée des opérations, et Mr. Fourès, représentant par intérim du Protectorat français au Cambodge, en la absence de Mr. Aymonier, s'employa utilement pour faciliter aux explorateurs leurs derniers préparatifs. De Phnom Penh, capitale du Cambodge, Mr. Delaporte se rendit directement aux ruines d'Angkor, et il a pu résoudre enfin le difficile problème de la destination des édifices religieux de cette ancienne métropole de la civilisation indo-chinoise; ses découvertes l'ont amené à ce résultat, aussi intéressant qu'inattendu, que ces anciens temples Khmers étaient voués au brahmanis-

me; en explorant Angkor-Vat, il a fait dégager dans les parties élevées les chefs-d'œuvre de la sculpture cambodgienne, des bas-reliefs, jadis brillamment dorés, frontons et encadrements, dont tous les sujets, jusqu'à ceux qui décoraient le sanctuaire le plus intime, sont consacrés aux exploits de Rama et à la gloire de Vichnou; c'est donc à ce dieu qu'était dédié Angkor-Vat. A Angkor-Tom, il a visité de nouveaux monuments dans la plupart desquels il a retrouvé encore dans les principaux frontons les exploits de Rama et de Vichnou; il y a constaté la présence du linga emblème de Siva (*phallus* des anciens); il a fait déblayer et fouiller l'ancien palais des rois Khmers, œuvre de sculpture grandiose et merveilleuse, dont les terrasses superposées sont ornées de superbes compositions en bas-reliefs: l'éléphant tri-céphale, au corps énorme, Iravâti, y trône à toutes les places d'honneur, comme aux angles de toutes les portes de la ville où il est monté par le dieu Indra, accompagné de deux Apsaras ou danseuses célestes de son paradis.

« Mr. Delaporte avait déjà recueilli 300 photographies, 40 moulages et un petit nombre de pièces originales de grande valeur, lorsque, à la date du 1^{er} janvier, il a été obligé, ainsi que son second, Mr. Faraut, ingénieur, et l'un de ses dessinateurs, Mr. Tille, de céder à la maladie et de regagner Saïgon pour y entrer à l'hôpital; puis, il a dû s'embarquer sur le premier transport en partance pour la France; bien que très faible, il a supporté le voyage et il est aujourd'hui en voie de convalescence.

« La mission, malgré le départ de son chef, n'en continue pas moins ses travaux: Mr. Delaporte en a

remis le commandement, avec ses instructions, à Mr. le docteur Ernault, médecin de la marine, qu'assistent Mr. Ghilardi, chargé des moulages, et Mr. Laédhric, dessinateur et photographe; à la date du 16 janvier, les recherches entreprises par les explorateurs se poursuivaient activement; le personnel réduit à trois européens, accompagnés de deux interprètes, de douze miliciens indigènes et de quelques mandarins Cambodgiens et Siamois venait de se mettre en route pour Batta-Bong, d'où il devait repartir bientôt à bord de la canonnière mise à sa disposition par Mr. Le Myre de Vilers, pour gagner es ruines N. E. et pour visiter ensuite les monuments situés sur les rives du Mě-Kong. Les opérations pourront être continuées jusqu'au milieu de mars, époque à laquelle la chaleur deviendra trop orageux pour qu'il soit possible à des Européens de résister aux intempéries du climat; la mission rentrera probablement en France à la fin d'avril ou au commencement de mai.

« L'état de la santé de Mr. Delaporte permet d'espérer qu'il pourra prochainement exposer lui-même à la Société les résultats de sa Mission. »

« Dans la même séance, la Société a entendu une très intéressante conférence de Mr. Léon Dru, ingénieur, sur le *Percement de l'Isthme de Krau de la presqu'île de Malaka.* »

« La Société Académique Indo-Chinoise, désireuse de s'assurer l'assistance nécessaire aux explorations qu'elle se propose de faire entreprendre aux Philippines, aux Carolines et aux Mariannes, ainsi qu'aux recherches qu'elle fait exécuter dans les archives et les bibliothèques de l'Espagne, a demandé à S. M. le roi Alphonse XII, son patronage, en le priant de s'intéresser à ses travaux et d'accepter le titre de Haut protecteur. L'un des membres du Conseil, Mr. le comte Alphonse Dilhan, s'est rendu spécialement à Madrid pour présenter au Roi la collection des publications et le diplôme de membre de la Société. Sa Majesté a bien voulu l'accueillir avec la plus grande bienveillance, et, en acceptant le titre qui lui était offert, le Roi a promis d'accorder aux membres de la Société l'appui le plus complet pour leurs explorations dans la Malaise espagnole et pour leurs recherches dans les archives et les bibliothèques du royaume. »

Diz o *Elvense* de 16 de abril:

« Por comunicação que nos fez o illustre presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, sabemos que na ultima sessão da Sociedade Academica Indo-China, o presidente, sr.

marquez de Croizier, annunciando o regresso do sr. Delaporte, chefe da missão archeologica do Cambodge, desembarcado ha pouco em Toulon, deu conta dos resultados obtidos pela missão.

« O sr. Delaporte, acompanhado de parte do pessoal, partiu de Marselha a 3 d'outubro do anno passado. Chegando a Saigon, encontrou o mais li-songeiro acolhimento da parte do governador da Cochinchina, sr. Le Myre de Vilers, que poz á sua disposição um barco a vapor, e lhe alcançou do conselho colonial uma subvenção de 8 mil francos para as primeiras despesas da viagem; a companhia de navegação Roque offereceu-lhe chalupas a vapor, propondo-lhe transportar gratuitamente o pessoal e material em quanto durassem as operações, e o sr. Fourès, representante interino do protectorado francez no Cambodge, esmerou-se em facilitar aos exploradores os ultimos preparativos.

« De Phnom-Penh, capital do Cambodge, o sr. Delaporte partiu directamente para as ruinas de Angkor, e resolveu finalmente o intrincado problema ácerca do destino dos edificios religiosos da velha metropole da civilisação indo-china; as suas descobertas lhe deram o resultado tão interessante, quanto inesperado, de que os antigos templos khmers eram dedicados ao brahmanismo; explorando Angkor-Vat, tornou bem salientes as obras primas de escultura cambodgiana, baixos relevos outr'ora dourados, frontões e molduras, cujos objectos, comprehendendo os que decoravam o santuario mais intimo, são consagrados ás empresas de Rama e á gloria de Vichnu. É pois a esta divindade que era dedicada Angkor-Vat.

« Em Angkor-Tom visitou novos monumentos, em cuja maior parte tornou a encontrar nos principaes frontões as empresas de Rama e de Vichnu; verificou a presença do *linga*, emblema de Sivá (*phallus* dos antigos); fez excavar o antigo palacio dos reis khmers, obra d'escultura grandiosa e maravilhosa, cujos terraços são ornados de soberbas composições em baixo relevo: o elephante tricéphalo (Iravalti), de corpo enorme, ahí se distingue em todos os logares de honra e nos angulos de todas as portas da cidade, onde se vê montado pela divindade Indra, acompanhado de duas Apsaras, ou dançarinas celestes do seu paraizo.

« O sr. Delaporte havia já reunido trezentas photographias, quarenta moldes e um pequeno numero de peças originaes de grande valor, quando no 1.º de janeiro, elle, o seu immediato, sr. Faraut, e um dos desenhadores, sr. Tille, se viram obrigados a ceder á doença, e tornar a Saigon para entrar no hospital. Depois embarcou-se no primeiro navio que se destinava á França, e apezar de muito fraco, supportou a viagem e ao presente está em via de convalescença.

« A missão, apesar da partida do seu chefe, não deixa de continuar os seus trabalhos, dirigida pelo dr. Ernault, medico da marinha, ao qual acompanham os srs: Ghilardi, encarregado dos moldes, e Laédheric, desenhador e photographo.

« Em data de 16 de janeiro as pesquisas empreendidas pelos exploradores proseguiram activamente; o pessoal, limitado a tres europeus, acompanhados de dois interpretes, de doze soldados indigenas, e d'alguns mandarins cambodgianos e siamezes, tinham-se posto a caminho de Batta-Bong, d'onde deviam partir logo a bordo da canhoneira posta á sua disposição pelo sr. Le Myre de Vilers, para chegar ás ruínas do nordeste e visitar em seguida os monumentos situados nas margens do Me-Kong.

« As operações devem ter terminado em meados de março, época em que o calor se torna muito intenso, e o tempo borrascoso.

« A missão é esperada em França nos fins d'este mez ou em principios de maio.»

Descobrimto da Cidade Romana «Nabancia» em Portugal

Estando, por motivo de serviço publico, em Thomar no mez de fevereiro d'este anno de 1882, constou-me que se pretendia abrir uma cova para plantar uma arvore n'uma propriedade dos arredores d'aquella cidade, em terreno opposto á margem do rio em que ella fôra edificada, e não se podêra profundar essa cova, porque se havia encontrado grande resistencia: appareceram ahi n'essa occasião misturadas com a terra pequenas pedras de côres; havendo-as examinado, reconheci serem fragmentos de mosaico! Procurei logo o proprietario d'este terreno, que está situado no logar chamado *Marmelaio*, distante da cidade dois kilometros, e a um kilometro da margem esquerda do rio *Nabão*. Obtive permissão para se poderem fazer escavações, pois felizmente o referido proprietario é um polido cavalheiro, que com a maior franqueza e urbanidade me facultou ampla licença. Tenho pois muita satisfação de mencionar o nome do sr. Augusto Cesar da Motta, pela maneira bizarra como se houve para commigo; procedimento muito para louvar, porque é rarissimo que os proprietarios ruraes em Portugal consintam nas investigações archeologicas, mesmo satisfazendo-lhes a importancia do prejuizo que se lhes cause!

Principiei no dia 19 do citado mez essas escavações com cinco trabalhadores, e descobri na profundidade 1,^m28 um grande mosaico de forma semicircular, composto de cercaduras, tendo no centro divisões quadradas com desenhos entrelaçados e feito de quatro côres, porém estando já em algumas

partes damnificado. Eram, pois, ruínas romanas que estavam ali soterradas. Pelas dimensões e feitio do mosaico, sem duvida elle faria parte de um importante edificio da cidade romana de Nabancia, porque diferentes auctores, desde André de Resende na sua obra de *Antiquitatibus Lusitaniæ*, o Dictionario Geographico e Estatistico de Hespanha e Portugal, de Minaño, assim como o Diccionario de Bluteau, e mais outros escriptores, dão noticia d'esta antiguidade da Lusitania, situada por detraz da egreja de N. S. da Oliveira, que corresponde ao logar em que se principiaram as investigações. Tratava-se portanto de uma importantissima descoberta feita em Portugal no ultimo quartel do xix seculo.

Os citados auctores mencionam que no anno 110 de J. C. fôra fundada na Lusitania esta cidade romana, sendo imperador Trajano, tendo sido muito populosa e prospera, e ainda florescente sob o dominio dos godos: porém não constava cousa alguma d'ella até o anno 632 da era de J. C. em que fôra occupada pelos godos. A essa época se refere o martyrio de Santa Eyria.

Suppõe-se que os habitantes de Nabancia resistiram tenazmente aos mouros em 715, porque estes invasores a arrasaram completamente, não ficando *pedra sobre pedra*, e assim esteve deserta e abandonada por espaço de 443 annos, até que em 1159 el-rei D. Affonso Henriques fez d'ella doação aos Templarios, que a vieram povoar.

O Governador romano de Nabancia em 653 era o Conde Castinaldo, cujo filho causou o martyrio de S.^{ta} Irena. Os paços d'este governador constava da tradição terem sido grandes e sumptuosos, e d'elles tinham ficado ainda alguns vestigios depois da destruição feita pelos arabes.

Os Templarios aproveitaram muitas das materias d'esta cidade para construirem o seu castello em Thomar. Sobre a torre d'este castello vê-se uma lapida em que ha uma inscripção romana com estas siglas:

PIETATI
AVG. SACR.
VAL. MAX. INMEMR
SVAMETEILIARVM
SVARVM
HEC SIGNA P.

O que significa: *Padrão á piedade do Imperador Augusto consagrado Valerio Maximo em memoria sua e de seus filhos estes signaes fiz.*

Se a habitação do Governador era magnifica, é de suppôr que esta cidade romana seria de grande importancia, e posto que ficasse destruida pelos mouros e se tivessem utilizado dos seus materiaes para construcções posteriores, todavia deveriam ficar

ainda bastantes vestígios de sua primitiva edificação.

Da primeira vez que fui a Thomar, quando andava em 1857, por curiosidade própria, percorrendo as províncias para salvar do vandalismo os objectos artisticos e archeologicos, encontrei, sobre os lados do caminho que conduz da estrada real á remota egreja de S.^{ta} Maria do Olival, *grandiosas* peças de cantaria com molduras, abandonadas no chão, e que mostravam ter pertencido a um colossal entablamento. Informaram-me que tinham sido achadas nas ruínas romanas: cheguei mesmo a adquirir-las por intervenção do meu finado amigo o archeologo Pedro de Róule; mas como eram de extraordinario volume, e o caminho de ferro não estava concluido, não as fiz transportar para Lisboa. Tudo nos indicava, que o descobrimento do grande mosaico pertencia á opulenta cidade de Nabancia.

Assim a nação, no fim de 16 seculos, veio a possuir esses importantes vestígios, os quaes nos mostram a maneira como o povo rei costumava construir as suas cidades e as casas para os seus habitantes; e ao mesmo tempo incitam os archeologos e *touristes* estrangeiros a virem a Portugal contemplar a disposição d'essa celebre cidade antiga da Lusitania.

Este mosaico semicircular tem de diametro 5^m,42°, e está circumdado por uma parede actualmente rasa com o nivel da superficie do dito mosaico, da grossura de 62 centimetros. Pela linha recta do diametro que separa o mosaico da construcção, fica o chão mais baixo de 36 centimetros, o que faz supôr que haveria degraus n'aquelle lugar.

Continuando as escavações, appareceu uma rua calçada, com a largura de 2^m,40°, na direcção de Norte-Sul, e formando o edificio, a que pertencia o mosaico, a sua frente principal para ella.

Do lado opposto ao mosaico junto á calçada, ha uma delgada cortina que a separa do recinto, que ella limita d'este lado. Ao meio d'esse recinto e na direcção central do mosaico, acha-se a soleira de uma porta com o comprimento de 1^m,80°.

Seguindo-se a rua, encontram-se nos dois extremos do recinto murado, duas outras ruas que se ligam com a primeira, em angulo recto, tendo equal largura, e estando igualmente calçadas.

Tem o recinto 13^m,10°, de comprimento e de largura 9^m,30°, sendo a sua superficie de 177^m,40°. As paredes dos seus dois lados teem a mesma grossura da cortina que faz frente para o espaço em que está o grande mosaico; e do outro lado maior que fecha o recinto tem a parede de grossura 0^m,42°. No lado opposto do recinto existe outra rua parallelá á primeira, tambem calçada; parece ser uma rua das principaes d'esta cidade, pelo seu comprimento e direcção. Nota-se na construcção das paredes d'este

recinto haver, nos angulos externos d'ellas, marcos cylindricos.

Este grande espaço quadrangular era o *Forum*, e existe perto do angulo do poente o pedestal da tribuna em que os oradores faziam as suas manifestações populares.

Sobre os lados das ruas transversaes apparecem as divisões de casas, estando ainda no lugar das suas portas as soleiras que lhes davam a communicação com a rua. Estas casas teem pequenas dimensões, como era o costume construir em n'as os romanos. Apparecem dentro d'ellas vestígios de mosaicos de diversas composição e côres; o que nos convence, que teriam sido habitadas pelas pessoas distinctas, porque, nas occupadas pela classe mais inferior, o mosaico era formado sómente de pedrinhas brancas, ou com bocadinhos de tijolo, imitando o feitio dos mosaicos. Duas d'estas casas mostravam ter servido de cozinhas.

A calçada é formada de seixos, porém foram quebrados pelo meio a fim de aproveitarem a face mais plana para ficar mais firme a calçada.

Por detraz da parede do semicirculo, afastado d'ella 1^m,80° e na direcção da linha central do grande mosaico, se descobriu um pedestal quadrangular, tendo por lado 0^m,46°, e de altura 0^m,80°.

As grossuras das paredes das casas regulam entre 0^m,40° e 0^m,45°; o que indica serem as casas de um só andar, como era o uso entre os romanos.

Descobriu-se tambem o cano geral para as aguas da chuva, o qual faz ver pela sua direcção ir desaguar no rio Nabão.

Pelo levantamento da planta d'estas ruínas vim no conhecimento de que o grande mosaico fazia parte do edificio do *Basilica*, isto é, o Tribunal de Justiça dos romanos, sendo o lugar reservado para os juizes a parte circular. Ficava este edificio publico em frente do *Forum*, e occupava o lugar central da rua. A porta é mais larga do que as outras pertencentes ás habitações, o que mais confirma a importancia d'esta edificação.

O *Forum* ficava isolado, pois está rodeado por quatro ruas. A extensão total das ruas que estão descobertas é de 93^m,80°.

Os differentes objectos encontrados n'estas escavações, por em quanto, são os seguintes; a saber:

Duas columnas de marmore branco, tres capiteis de grandeza differente e da mesma qualidade;

Uma base;

Quatro moinhos de mão; um completo, porém partido em cinco partes;

A mão direita de uma estatua de bronze, que mostra, pela posição dos dedos, deveria ter seguro algum attributo;

Tres freios de ferro, muito oxydados;

Uma bonita fivella de cobre;

Um fragmento de vidro com a grossura de 4 millímetros;

Pregos de ferro de diversos tamanhos;

Uma grade de ferro em feitiço de xadrez, tendo nos quatro angulos dos encruzamentos das folhas de ferro, bicos para impedir a passagem de animaes;

Telhões e adobos de barro encarnado, de grandes grossuras e dimensões;

Os tijollos mais delgados e de barro bastante escuro, para servirem de ladrilho, teem uma marca do oleiro, como tambem era costume pôrem-lhe os fabricantes de Roma; mas esta do oleiro de Nabancia é de um feitiço singular e muito simples, pois que o operario assignalava os seus tres dedos medios da mão esquerda em um dos angulos do tijollo! Encontrei o forno de que se servia o oleiro, afastado das ruinas uns 800 metros, e na proximidade ha um regato.

Encontrei mais o seguinte:

Restos do material, de diversas côres, de que se fazem os cubos para formarem os mosaicos;

Um delicadissimo instrumento de cirurgia em perfeito estado de conservação;

Algumas medalhas de diferentes modelos. As mais bem conservadas são de *Flavio Julio Crispo*, filho de Constantino I, anno 300 de J. C.; outra de *Flavio Galerio Constantino*, filho de Constantino Chloro, anno 274 de J. C. etc. etc.

Tendo informado o Governo ácerca d'este importante descobrimento archeologico, fui auctorizado a continuar as escavações sob a minha direcção, estando já descoberta a superficie de 1:132 metros quadrados. Espero, na continuação d'estes trabalhos, achar os Templos, o Theatro, as Thermas, o Amphitheatro, etc.

J. POSSIDONIO N. DA SILVA

ANTHROPOLOGIA

(Conclusão).¹

Já o dissémos n'uma anterior revista: o estado do homem antes da historia constitue actualmente uma verdadeira sciencia nova; sciencia que se vae rapidamente engrandecendo, e que em breve terá lançado viva luz sobre as origens primitivas da humanidade, quebrando de vez os laços estreitos em que a historia e a tradição envolviam a razão e a sciencia sempre que queriam ir além dos limites que ellas lhes haviam fixado, taes são os factos principaes, os descobrimentos mais importantes em que se baseia a sciencia nova. Com que trabalhos tem a sciencia portugueza contribuido para esclarecer o interessante assumpto de que essa sciencia se occupa?

A *idade do bronze* por um lado prende-se á verdadeira historia, como já vimos, e pelo outro engraça-se com as epochas pre-historicas. O uso dos metaes, do bronze principalmente, na fabricação das

armas, utensilios e ornamentos, co-existiu por muito tempo com o uso da pedra. Provam-n'o factos numerosos. Ha pois um verdadeiro periodo de transição da *idade da pedra* para a do *bronze*. D'esse periodo encontram-se numerosos vestigios.

Encontram-se não só em grande parte da Europa mas no norte da Africa, na Asia menor, e em muitos logares da India, monumentos rudes, formados de uma ou muitas pedras toscas, ou de montes de terra, geralmente de grandes dimensões.

Foram esses monumentos, de extrema singeleza, considerados por muito tempo como monumentos celtas; hoje uma tal opinião não pôde admittir-se. De alguns d'elles pôde, até certo ponto determinar-se a data e a origem; do maior numero, porém, nada de certo se sabe, senão que pertencem aos tempos pre-historicos, e que são, uns da *idade da pedra*, e outros, em grande numero, da *idade do bronze*. Levantar um monticulo, ou erguer uma ou mais pedras, foi de uso, ainda nas mais remotas eras de que a historia conserva lembrança, para honrar os mortos. Era tambem muito geral o costume de pôr junto dos despojos mortaes d'aquelles a quem se levantavam esses grosseiros tumulos, armas, utensilios, ornamentos e por isso tem sido para os antiquarios origem de importantes descobrimentos a exploração d'esses antigos monumentos funerarios.

Os grupos de pedras, as pedras isoladas ou formando largos circulos, ou dispostas em renques, constituem os mais notaveis monumentos d'aquellas remotissimas edades; e revelam-nos a existencia de um ou mais povos, occupando vastas extensões no mundo antigo, e dispondo de poderosos meios mecanicos para arrancar, transportar e fixar enormes monolithos; embora não soubessem affeição-las nem imprimir-lhes o cunho da arte. São os monumentos *megalithicos* de varias fórmás. Uns singelissimos, os *men-hirs*, são formados de uma unica pedra elevada em agulha; obelisco tosco, mas de um caracter muitas vezes severo e grandioso. Outros mais complicados, são compostos de pedras toscas, em numero variavel, sustentadas horisontalmente por esteios tambem de pedra: são estes os que entre nós se chamam *antas*. Outros, os mais complexos de todos, apresentam-se como grandes circulos ou ellipses, formados de pedras isoladas, ou em grupos, fechando extensos espaços; são estes os denominados *cromlechs*.

Foram estes monumentos megalithicos levantados por um mesmo povo, que successivamente occupou diversos territorios? Qual foi este povo primitivo? A que ponto haviam chegado os seus conhecimentos em mechanica, para elle poder erguer tão grandiosos monolithos? Para que podiam servir aquelles monumentos? — Pôde dizer-se em poucas palavras quanto a sciencia sabe sobre tal assumpto, guiando nos pelo que a este respeito se disse no *Congresso de anthropologia e archeologia pre-historica* celebrado em Paris em 1867.

As *antas* (dolmens) são tumulos. Na Allemanha, Dinamarca, Inglaterra, Irlanda e França acham-se esses monumentos distribuidos per fórmula, que mostram haverem as populações que os elevaram habitado junto ao mar ou nas margens dos grandes rios, na epocha que corresponde ao ultimo periodo da denominada idade da pedra. Em muitas outras partes da Europa, na Asia menor e na Afri-

¹ Vid. n.º 5, tom. III, pg. 76

ca existem monumentos d'esta natureza, mas grande parte parece dever considerar-se como pertencente á idade do bronze.

O sr. dr. Pereira da Costa publicou um interessante trabalho a respeito de alguns *dolmens* ou *antas* de Portugal. O numero dos que descreve é consideravel, e mostra a importancia que taes monumentos devem ter para os nossos archeologos.

Já em 1734 o padre Guerreiro enviou á academia de historia portugueza uma relação ácerca de 315 *antas* existentes em Portugal. Anteriormente, em 1733, havia publicado a mesma academia um trabalho de Mendonça de Pina sobre o mesmo objecto, escripto com sagacidade e erudição. Cita o sr. dr. Costa na sua memoria dois trechos do escripto de Pina, que merecem conhecer-se. «As *antas*, disse este antiquario, mostram claramente a rudeza do seculo em que se erigiram e serem d'aquellas edades *aureas*, em que o *ferro*, escondido nas entranhas da terra, não tinha ainda ou lavrado ou despedaçado as produções informes da natureza, pois pondo-se todo o primor de arte sempre nos edificios *sacros*, não terem estes lavor algum architectonico, mostra a rudeza que teriam os edificios vulgares, e que o cuidado e grandeza de seus auctores só se empenhou em buscar, conduzir e levantar penhascos grandes e informes, em que casualmente se achava figura mais proporcionada ao seu uso.» Assim, na opinião de Pina, as *antas* eram monumentos *sacros*, anteriores ao conhecimento do *ferro*; e para mais clareza indica elle que, taes monumentos, taes penhascos grandes e informes, devem ainda considerar-se *sacros* no caso de se reconhecer que são sepulturas. «Se fossem sepulturas ainda teriam logar as nossas conjecturas de serem *aras*, pois estas e os templos da idolatria tiveram principio nos monumentos funebres.

As *antas* são indubitavelmente monumentos funerarios. Provam-n'o, do mesmo modo que nos *tumulos* formados de pedra e de terra, a existencia de esqueletos, de cinzas humanas, de armas e outros objectos que a piedade depunha na mansão dos mortos.

Variavam, os povos que levantavam esses monumentos, o modo de enterramento. Havia n'uns inhumação do cadaver, n'outros guardavam-se apenas as cinzas dos mortos. Existe geralmente relação entre o modo de enterramento e a idade a que o monumento pertence. Durante o periodo *neolithico*, o periodo menos remoto da idade da pedra, era o cadaver, ou talvez antes esqueleto já despido das carnes, posto na sepultura n'uma posição um tanto curva e como se estivesse assentado: na *idade do bronze*, pode dizer-se que, em geral, se queimavam os corpos dos mortos. Além de restos humanos encontram-se, nas *antas* e n'outros monumentos megalithicos, ossos de diversos animaes, mais ou menos modificados pela mão do homem; machados, facas e outras armas e objectos de pedra polida; vasos e contas de barro cosido: diferentes e variados objectos de bronze, e alguns ornamentos de ouro. É claro que a presença d'estes objectos e armas caracteriza perfeitamente a epoca dos monumentos, e por essa forma se lhes pode determinar a idade.

Na sua memoria descreve o sr. dr. Costa algumas *antas* de Portugal. São estas, pela maior parte, formadas de esteios, mais ou menos numerosos, de pedra tosca, sobre os quaes apoia uma larga pedra

ou mesa, que forma um como tecto d'aquella singela e rude construcção. Além das *antas* propriamente ditas, descreve o illustre professor outros monumentos, especie de *antas* soterradas, a que se dá vulgarmente o nome de *mamunhas*. São as *mamunhas* semelhantes aos tumulos que em diversas partes da Europa se encontram, e nos quaes ha uma sala ou pelo menos um grande caixão de lage onde se depositava o cadaver. Fez o sr. dr. Costa algumas escavações junto das *antas* que explorou. Não foi abundante nem rica a colheita que obteve de objectos, que possam representar o estado de civilização e o desenvolvimento da industria dos povos, que levantaram aquelles monumentos: contudo, alguns machados de pedra, de formas proxima-mente semelhantes ás dos instrumentos da mesma natureza encontrados em outros logares da Europa, provam que as *antas* foram levantadas durante a idade da pedra, e, provavelmente, no periodo em que a fabricação das armas polidas não havia atingido ainda a sua perfeição relativa.

Vestigios notabilissimos das edades pre-historicas são decerto os das habitações lacustres da Suissa. Foi no inverno de 1853 que se descobriram, no fundo de alguns lagos, consideraveis e importantes restos de industria humana, e as estacarias sobre que se levantavam as habitações de uma consideravel população. Uma passagem de Herodoto, em que se descreve o modo de viver dos Peonios, povos que construíram as suas habitações sobre longas estacas enterradas no fundo dos lagos; as ilhas artificiaes da Irlanda, que serviam de habitação e fortaleza a antigas populações, em tempos historicos; o modo de viver actual de algumas populações quasi selvagens, dos pescadores do lago de Proslas por exemplo; tudo explica quanto nos lagos da Suissa encontraram os antiquarios. D'essas aldeias, construidas sobre as aguas pertencem umas á idade do bronze, outras ao periodo menos remoto da idade da pedra. Havendo occupado o paiz n'esta ultima idade, em toda a sua extensão; na idade do bronze as aldeias lacustres só parecem terem persistido nos lagos da Suissa occidental.

A sua construcção não variou essencialmente em esta longa serie de seculos; contudo, a julgar pelo que se conhece hoje, as aldeias da idade do bronze eram estabelecidas com maior solidez, e em logares onde a agua tinha maior profundidade, do que as pertencentes á idade da pedra. O numero de animaes, cujos despojos se acham nas habitações lacustres, é consideravel. O professor Rutmeyer reconheceu 70 especies, sendo dez de peixes, tres de reptis, vinte de passaros, e o resto de quadrupedes: d'estas podem considerar-se como vivendo em domesticidade seis: a saber: o cão, o porco, o cavallo, a cabra, o carneiro e, pelo menos, duas variedades de bois.

Exceptuando os animaes marinhos, cuja existencia em estações tão affastadas do mar não seria possivel, todos os outros animaes, que formam a fauna especial das aldeias lacustres da Suissa apresentam a maior analogia com os que se encontram, representados pelos seus despojos, em estações da idade da pedra, que existem junto do mar, no norte da Europa; singulares pela sua apparencia de pequenos montes e pela sua composição, que é a de uma consideravel massa de conchas pertencentes a pequeno numero de especies comestiveis. A fau-

na das aldeias lacustres, e dos montes de conchas, *kjokkenmoddings*, é identica, e mais mederna do que a do primeiro periodo da idade da pedra. Em vez do elephante e do rhinoceronte, que co-existiram na Europa com o homem, no principio da idade da pedra, encontramos n'este segundo periodo veados e javalis de extraordinaria grandeza, bois (*Bos primigenius*) cuja grandeza egualava a dos elephantes, segundo escreveu Cesar, em cujo tempo ainda existiam *Hi sunt magnitudine pondo infra elephantes, specie et colore et figura tauri*.

São as especies das habitações lacustres as que caracterisam a epoca das ultimas transformações dos typos animaes e vegetaes na Europa. E' facto digno de notar-se que algumas das maiores d'entre essas especies já desappareceram, outras se vão tornando de anno para anno mais raras, e, emfim, outras só se conservam em razão de habitem regões cujo clima é inteiramente inhospito para o homem.—Teve a idade da pedra,—é opportuno dizel-o aqui—uma longa, uma immensa duração; toda a fauna d'essa idade corresponde ao que podemos chamar a mesma epoca zoologica; e, comtudo, muitas das especies, que foram contemporaneas do homem no principio d'aquella idade, desappareceram ha muito, outras tomaram o logar das especies extinctas, e se modificaram nos seus caracteres e se adaptaram ás conveniencias do homem, até que por fim se constituiu a fauna que actualmente acompanha as sociedades humanas; a qual decerto é destinada a transformar-se, debaixo da acção incessante d'essas forças que vão modificando, de idade em idade, os seres organizados.

Como dissemos ha pouco, são da mesma epoca —já se vê que é esta uma expressão um tanto vaga quando se refere a factos que para nós não podem ter data — são da mesma epoca, repetimos, as habitações lacustres, e os *kjokkenmoddings* da Dinamarca. Quer esta palavra dizer «restos de cozinhas» e applica-se a consideraveis montes de conchas, principalmente de especies comestiveis, que se acham proximo ao mar, e nos quaes se encontram grosseiros instrumentos e armas de pedreneira, ossos de varios animaes em que se notam golpes de faca, lareiras formadas de uma ou mais pedras, em que se conservam vestigios de fogo, e pedaços de madeira mais ou menos carbonisada.

Tem o estudo d'estes interessantes depositos de conchas e de ossos provado, que alli existiram antigas habitações de homens; os quaes, principalmente, se nutriam com os productos da pesca sobre tudo de mariscos, e os productos da caça de animaes selvagens. Os ossos e conchas foram-se accumulando gradualmente proximo dos logares habitados, e assim se formaram os *kjokkenmoddings*. Nota-se que os ossos que tinham tutano foram todos fendidos, com o fim de lh'o extrair; prova de que essa substancia era tida em grande apreço pelos homens d'aquellas eras. Muitos dos ossos e parte de ossos do esqueleto dos animaes, cujos despojos existem n'esses depositos, não se encontram nunca. Do boi, por exemplo, nunca se acham as extremidades dos ossos longos, nem a espinha dorsal, nem os ossos do craneo, á excepção da maxilla inferior da parte orbitaria.

Demos esta breve noticia dos depositos de conchas comestiveis da Dinamarca, não só pela importancia que tem em relação á nova sciencia das eda-

des pre-historicas, senão porque existe analogia evidente entre esses depositos e uma notavel estação humana, descoberta pela commissão zoologica junto da ribeira de Muge. Conta o sr. Carlos Ribeiro, em uma Nota publicada no *Boletim da Sociedade Geologica de França*, o modo por que foi explorado o interessante Cabeço da Arruda. — Foi em 1863 que o distincto geologo conseguiu descobrir os primeiros vestigios do homem antigo e da sua industria, em uma exploração que fez no valle do Tejo. Junto de Benavente encontrou alguns pequenos machados de pedra; proximo de Salvaterra, no valle onde corre a ribeira de Magos, deu com um deposito de conchas marinhas misturadas com ossos, onde havia tambem alguns ossos humanos. No Cabeço da Arruda, em Muge, foi onde appareceram, em notavel quantidade, as provas da existencia do homem no valle do Tejo em epoca remotissima. Fez-se em 1864 a exploração do Cabeço da Arruda, e no anno seguinte publicou o sr. dr. Costa uma interessante descripção d'essa estação humana, e um estudo sobre os numerosos esqueletos que n'ella se encontraram.

O deposito do Cabeço da Arruda é formado pela accumulção de detritos de mariscos comestiveis e de ossos de animaes, carbonisados alguns e misturados com fragmentos de madeira carbonisada. Apparecem os ossos quebrados; os ossos longos quebrados, proximo das extremidades, e fendidos como se lhes houvessem extrahido o tutano; os craneos de bois e outros mamíferos encontram-se, em parte, carbonisados e partidos em pedaços. Parece haver sido aquelle Cabeço logar de sepultura, pois ali se encontraram restos humanos, pertencendo a mais de quarenta individuos: mantinham-se os ossos de alguns d'aquelles esqueletos na sua posição relativa, ainda que deformados e fracturados talvez pela pressão a que estiveram sujeitos. Poucos utensilios se encontram n'aquelle deposito, mas esses bastam para provar que elle corresponde á idade da pedra, e talvez ao periodo em que a fabricaçção era ainda grosseira.

Quanto aos ossos humanos encontrados no Cabeço da Arruda, a respeito dos quaes o dr. Costa fez uma importante dissertação, diremos apenas que, no congresso anthropologico de Paris, o sr. Pruner Bey os classificou nas duas formas distinctas, que se tem reconhecido nos craneos pre-historicos da Europa occidental; concluindo a sua exposição pela seguinte curiosa observação: Ha caracteres nas mandibulas (de um dos typos) que nos fazem lembrar, ainda que involuntariamente, de um modo muito vivo o que se vê nos ossos pertencentes ao craneo berbère da Africa.»

Serviram por muito tempo as cavernas de abrigo aos homens, não só nos tempos pre-historicos, mas ainda nos tempos historicos. Homero falla de grutas que serviram de refugio a homens. Não é pois para admirar que nos depositos accumulados nas cavernas se hajam encontrado consideraveis e variados vestigios da existencia do homem, objectos de industria, armas, ossos humanos, de involta com os restos de animaes de especies ha muito extinctas. — Tem-se buscado fazer uma classificaçção chronologica dos depositos encontrados nas cavernas, tomando por fundamento os despojos de animaes que n'elles se observam. Segundo o sr. Lartet, ha, sob este ponto de vista, tres especies de cavernas: a primeira onde se encontra a fauna di-

lúviana, o elephante, o urso das cavernas, o grande gato, etc.; a segunda onde parte d'esta fauna desaparece, e a *renna*, esse habitante dos paizes frios, abunda; a terceira onde se não acham as espécies extintas, mas sim ossos de animais domesticos, coisa de que se não encontram vestígios nos depósitos de data anterior.

Considera o sr. de Mortillet pouco conveniente aquella base de classificação, e por isso propõe outra, fundada nos productos de industria que se acham, em mais ou menos abundancia, nos depósitos das cavernas. Foram as modificações nos productos de industrias profundas, repetidas e geraes. A primeira distincção que se nota é a preponderancia dos instrumentos de pedra (de pedreneira) nas estações mais antigas, abundancia dos instrumentos de osso nas estações mais recentes. Estas duas grandes divisões devem, na opinião do sr. de Mortillet, subdividir-se em duas cada uma, constituindo assim quatro epochas. Caracterisam a primeira epocha os machados de pedra toscos e em forma de amendoa; a segunda, as pontas de pedreneira bem aguçadas, as massas angulosas, e os primeiros vestígios de instrumentos de osso; a terceira, os instrumentos de osso em consideravel numero, fendidos na base de modo que n'elles podesse entrar o cabo: a quarta epocha, enfim, é pelas pontas de setta ou lança de ponta de *renna*, com a extremidade inferior em bico destinado a entrar no cabo, pelos productos mais ou menos artisticos representando gravuras e esculpturas de animais, que deve caracterisar-se.

Estudou o distincto membro da extincta commissão geologica, o sr. Delgado, as interessantes grutas da Cesareda, situadas n'um contraforte da serra de Monte-Junto. D'essas cavernas, a mais importante é a denominada *Casa da Moura*. Encontram-se n'ella dois depósitos perfeitamente distinctos, e que decerto representam duas epochas diversas e afastadas uma da outra. O deposito superior é escuro, por conter muita materia organica, e incoherente: n'elle abundam ossos humanos, e com estes machados de pedra polida, facas, flechas e outros instrumentos de sílex, de osso e de ponta de veado, fragmentos de loiça negra e grosseira, lascas de sílex, ossos e dentes de animais, e pedaços de carvão. O deposito inferior é avermelhado e coherente; n'elle encontram-se, como provas da existencia do homem, alguns sílex lascados e instrumentos de aspecto rude e, evidentemente, antigo: abundam ali ossos de animais, principalmente de coelhos e de pequenas aves; e tambem se encontram fragmentos de carvão. — Os animais, cujos ossos formam, em grande parte, o deposito inferior, são de diferentes espécies, mas entre elles e os encontrados nos antigos depósitos de conchas da Dinamarca, de que acima fallámos, existe grande analogia. O lobo, o gato selvagem, o ouriço, o rato de agua, o cão, encontram-se tanto na parte inferior dos depósitos da Casa da Moura como nos *kjokkenmoddings*; faltando porém n'estes os despojos do genero *Lepus* (do coelho bravo?) que muito abundam na gruta de Cesareda. — Já tivemos occasião de dizer que, nos depósitos de conchas, os ossos dos animais se encontravam fendidos, como se lhes houvessem cuidadosamente extrahido o tutano; não succede o mesmo na caverna que o sr. Delgado descreveu, porque ali os ossos estão, pela maior parte, inteiros.

Attribue o laborioso geologo, de cujo interessante trabalho estamos dando noticia, o deposito inferior da caverna á acção do homem, em vista da sua natureza, da existencia dos sílex trabalhados, do carvão e dos ossos dos animais. Era a gruta um lugar de abrigo e ponto de reunião, onde, com intervallos maiores ou menores, se reuniam homens e faziam suas refeições. A natureza do deposito superior, a abundancia de ossos humanos que ali se encontra, suggere a idéa de ser aquella gruta, como outras já conhecidas, um lugar de sepultura, em tempos relativamente muito mais modernos do que os da formação do deposito inferior.

Uma circumstancia fixa a attenção, quando se observam os ossos humanos encontrados na gruta de Cesareda; é a ausencia de algumas peças do esqueleto, e, sobretudo, o estado dos ossos longos, aos quaes faltam as extremidades articulares, apresentando ao mesmo tempo fracturas que indicam haver-se-lhes extrahido a medulla. Estes factos podem, com boa razão, explicar-se, suppondo que a gruta foi habitada por hordas de cannibae, que sacrificavam victimas humanas, e devoravam em barbaros festins as carnes de suas victimas.

A grave questão da immensa antiguidade do homem sobre a terra — apesar mesmo do estudo dos monumentos megalithicos, dos depósitos de conchas da Dinamarca e de outros logares da Europa, das habitações lacustres da Suissa, e das cavernas, — não podia, para muitos sabios, considerar-se resolvida antes de se encontrarem manifestas provas da existencia do homem, em terrenos cuja posição na serie zoologica fosse bem determinada. Reconhecido: que os denominados instrumentos de pedra são evidentes productos da industria humana; que não são todos da mesma epocha, mas sim de epochas successivas e muito afastadas: e, enfim, que os terrenos em que esses instrumentos se encontram teem uma alta antiguidade; segue-se que o homem appareceu sobre a terra n'uma epocha afastada da actual por muitos milhares de seculos.

E' a gloria de um grande archeologo, do sr. Boucher de Perthes, o haver buscado nas camadas do terreno quaternario, — terreno formado n'esta, por assim dizer, recente idade geologica — os vestígios da existencia do homem. Em 1838 encontrou o celebre sabio os primeiros machados de pedra *antediluvianos*. Cresce o numero dos objectos de pedra encontrados nos terrenos quaternarios, multiplicam-se as provas da existencia do homem n'aquellas epochas remotissimas, até que em 1863 o sr. Boucher de Perthes descobre uma maxilla humana nos terrenos por elle explorados. — Produziu esta maxilla de um obscuro selvagem, enterrada ha muitos milhares de annos, uma verdadeira revolução entre os sabios da Europa. Levantaram-se duvidas, creveu-se, accumularam-se os documentos, multiplicaram-se as memorias, mas por fim venceu o sr. Boucher de Perthes, e o queixo do selvagem de Moulin Quignon ficou sendo um dos objectos mais preciosos da nossa epocha.

Vae ainda mais longe a antiguidade do homem do que a epocha a que corresponde a formação dos terrenos *quaternarios*. O sr. Desnoyer e o abbade Bourgeois teem encontrado em terrenos *terciarios*, cuja antiguidade se não pôde medir nem avaliar, sílex trabalhado pelas mãos do homem e ossos de animais, onde se reconhecem incisões, indubitavel-

mente feitas também pelo homem. Os instrumentos de pedra são de trabalho grosseiro, mas na escolha da pedra houve manifesto cuidado, para que elles podessem satisfazer ao fim para que se destinavam.

Qual foi a origem do homem? A que epocha geologica corresponde o seu apparecimento sobre a terra? — A sciencia ainda não respondeu; mas cada um dos seus descobrimentos affasta mais e mais,

da epocha actual o momento, em que o homem começou a sua longa e dolorosa lucta contra as forças que ameaçavam a sua existencia; contra as asperezas do frio ou do calor excessivos: contra as feras, que lhe disputavam, palmo a palmo, a terra que elle tinha a conquistar pela força e pelo trabalho para poder existir.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

PEDIDO AO GOVERNO

Insistente no provado empenho de honrar esta associação, favorecendo os seus progressos, apresentou o nosso benemerito consocio, o digno par sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, na sessão de 1 de maio preterito, algumas considerações que por sua importancia especial não deviam deixar de ser registadas n'este logar.

Em seguida transcrevemos do *Diario da Camara dos Dignos Pares*, sessão n.º 51, pag. 534, a parte, a que nos referimos, de um discurso de s. ex.ª e igualmente a resposta do sr. ministro das obras publicas:

«Aproveito o ensejo para me referir a um assumpto, que julgo da maxima transcendencia; e vem a ser a conservação dos monumentos historicos do nosso paiz.

O illustrado ministro, que foi, das obras publicas, o sr. Saraiva de Carvalho, dando a este assumpto a attenção que merece, dirigiu-se á real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes e pediu-lhe que indicasse quaes os edificios e construcções que devem ser considerados como monumentos nacionaes. A associação nomeou no seu proprio seio uma commissão encarregada de fazer uma resenha de todos os monumentos do nosso paiz, a qual publicou depois um relatorio, onde fôram classificados de um modo luminoso os padrões da historia e da arte em Portugal.

D'essa classificação permitta a camara que eu apresente o transumpto.

«1.ª classe. Monumentos historicos e artisticos, edificios recommendaveis pela grandeza da sua construcção, ou pela sua magnificencia, ou por encerrarem primores de arte.

«2.ª classe. Edificios importantes para o estudo das artes em Portugal, ou sómente historicos, ou recommendaveis por qualquer excellencia de arte.

«3.ª classe. Monumentos da arte militar antiga. Castellos e torres.

«4.ª classe. Monumentos levantados em logares publicos pela gratidão nacional em honra de homens que bem mereceram da patria.

«5.ª classe. Padrões commemorativos de feitos gloriosos, ou de acontecimentos notaveis; casas em

que residiram grandes vultos historicos ou litterarios; pelourinhos, etc.

«6.ª classe. Monumentos prehistoricos. Dolmens ou antas.»

A maior parte d'estes monumentos, como o das linhas de Torres Vedras, o do Bussaco, etc., necessitam apenas do cuidado da conservação, e só demandam providencias e vigilancia contra os ignorantes e contra o vandalismo.

Na primeira classe, que aponte, figura a igreja arruinada de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo. Essas ruinas são venerandas, porque se trata da fundação que fez o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, um vulto verdadeiramente epico da idade media.

N'essas ruinas tem a sua séde a real associação dos architectos e archeologos portuguezes. Ahi formou ella um museu archeologico, que já hoje contém preciosos fragmentos de architectura e escultura, e muitos objectos e productos variados, dignos de serem admirados, pelo seu muito valor artistico ou historico.

A associação não possui grandes meios; no entanto tem conseguido realisar algum melhoramento no que resta d'esse edificio medieval, podendo-se já agora apreciar a sua belleza architectonica.

Houve tempo em que o recinto do mesmo edificio serviu para receptaculo de todo o entulho das differentes obras da cidade; e tão bellas columnas jaziam como que soterradas no meio de um montão de muitos metros de espessura.

Sr. presidente, a associação dos architectos e archeologos está em correspondencia com as mais distinctas corporações scientificas e artisticas dos paizes estrangeiros; foi visitada pelos sabios que vieram a Lisboa assistir aos congressos anthropologico e litterario; e eu vi com satisfação que os illustres congressistas examinaram attentamente, tomaram notas e apreciaram muito as importantes colleções do museu do Carmo.

Para que a associação possa ter mais espaço onde colloque outros objectos dignos de serem expostos, ousou eu esperar que, pela respectiva verba orçamental, haja de conceder-se-lhe um subsidio a fim de que, ao menos, seja posta uma cobertura sobre as magestosas arcarias da igreja a que me refiro.

Concluindo, peço ainda uma vez ao sr. ministro das obras publicas preste a sua attenção aos diferentes monumentos nacionaes, que são reliquias de outras edades, e particularmente á egreja do Carmo, que é de certo veneranda, porque nos recorda o nome immortal do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.»

O sr. ministro das obras publicas (Hintze Ribeiro)

respondeu que tinha muito a peito a conservação dos monumentos nacionaes, e tanto que ultimamente encarregára um architecto muito distincto, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, de levantar a planta d'esses monumentos, o qual, indo recentemente á cidade de Thomar, fez ali descobertas de importancia, encontrando tambem vestigios muito interessantes com relação á antiga Nabancia.

CHRONICA

A nossa Real Associação quiz dar um testemunho publico de quanto é merecedor o distinctissimo escriptor o ex.^{mo} sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, pelas suas eruditas publicações e pelos prestantes e illustrados serviços com que tem contribuido para o engrandecimento da nossa Associação. Votou, portanto unanimemente a Assembléa Geral uma medalha de prata a este benemerito socio, como recompensa de tão valiosos e uteis serviços.

O digno socio, o ex.^{mo} sr. visconde da Torre da Murta, offereceu para o nosso museu um machado de bronze do typo da Abrigada, isto é, com duas azas, para ser encavado; e egualmente outro de pedra, notando-se n'este a particularidade, que a parte opposta ao gume ficou aspera, de proposito para não escorregar da mão quando se fizesse uso d'este instrumento.

São dadivas de bastante apreço, que veem juntar-se a outras com que este generoso archeologo tem doado as nossas collecções.

Uma muito original escultura em granito, obra portugueza do final do XII seculo, acaba de ser alcançada pelo nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, a qual representa a imagem do Santo Christo collocada sobre o pescoço do Cordeiro. É de certo uma antiguidade de grande importancia que possui a nossa Associação, que já tem duas esculturas da mesma época.

O digno socio, ex.^{mo} sr. visconde de Alemquer, apresentou no conselho uns fragmentos de materiaes pertencentes a construcções romanas, que foram descobertos na sua propriedade de Alemquer; e ultimamente alguns bocados de ceramica feita ao torno, da mesma origem.

Nas investigações que realison o socio o sr. Possidonio da Silva, este anno, no districto de Evora, onde fez exploração em onze dolmens, achou vestigios importantes, como carvão, ossos e ceramica de diversas formas e quantidade de barro. Notou em algumas d'estas Antas que a pedra da mesa, em lugar de ter a forma quadrangular, como é o mais commum, era circular, sem trabalho artificial, o que, junto ao esmerado na escolha dos esteios e sua quasi regular collocação, lhe faz suppôr que esses monumentos megalithicos teriam sido destinados para individuos

distinctos do povo que os mandassem construir. Estes fragmentos estão expostos no nosso museu.

Do *Primeiro de Janeiro*:

«O fundador do Museu archeologico do Carmo, em Lisboa, acaba de enviar para aquelle estabelecimento uma curiosissima escultura do fim do seculo XII, executada em granito e que estava encravada na parede de uma casa de Caminha.»

«Tendo o notavel archeologo o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva ido a Caminha vêr a igreja matriz, e indagando se ali havia algum calix antigo, foi-lhe apresentado um de grande merecimento artistico, rico de ornamentação, e de preciosa materia; tem oito campainhas, algumas pedras de valor na base, e é sem duvida um dos melhores que existem no reino.

O sr. Possidonio da Silva mandou tirar a photographia d'este calix.»

NOTICIARIO

Publicou-se ultimamente na Allemanha uma obra de mr. Springer ácerca das associações dos architectos que ha n'aquella nação, estando estabelecidas por esta fórma: a principal é a *União dos Architectos e engenheiros* em Berlim, que se compõe de 26 associações com 6:513 socios.

A de Aix-la-Chapelle é composta de 69 socios, sendo 28 architectos.

A sociedade dos architectos de Berlim tem 1:714 socios, pertencendo 745 á capital e 969 ás provincias.

A sociedade para o desenvolvimento dos estudos de architectura, fundada em Berlim em 1879, tem 54 socios.

A sociedade dos architectos e engenheiros de Brunswick, 114.

A de Brême, 88, sendo 29 architectos.

A de Breslau, 130, dos quaes 28 architectos.

A de Cassel, 76 socios.

A de Cologne, 220, sendo 100 architectos.

A de Dantzig, 183.

A de Darmstadt, 200, sendo 56 architectos.

A de Dresde, 490, dos quaes 105 architectos.

A de Hamburgo, 310 socios.

A de Hanovre, 886.

A União technica de Bade e Carlsruhe, 285, dos quaes 100 architectos.

A União technica de Leipzig, 33.

A União technica de Saxe-Anhalt-Runing, 120, sendo 50 architectos.

A sociedade dos architectos e engenheiros de Munich, 769.

A sociedade dos engenheiros e architectos de Alsace-Lorraine, 100, sendo 43 architectos.

A União dos architectos e engenheiros em Stuttgart, 240, dos quaes 113 architectos.

Contam-se pois na Allemanha 2:424 architectos civis!

As duas mais antigas d'estas associações principiaram no anno de 1869, e as quatro ultimas em 1877; as outras 49 foram instituidas durante os 8 annos que medeiam nas duas datas de 1869 a 1877.

No concurso que se abriu na Italia para o monumento d'el-rei Victor Manuel, entre os architectos nacionaes e estrangeiros, obteve o 1.º premio de 8:000\$000 réis um architecto francez; os outros dois premios, de 6:000\$000 e de 4:000\$000, foram conferidos a architectos italianos. Na patria das Bellas Artes sabe-se avaliar o talento dos architectos, o que demonstram esses avultados premios; por isso tambem ali se formam artistas distinctissimos.

Vae-se construir na Inglaterra uma ponte de vidro; sae mais economica que as de ferro, é mais solida e não se damnifica nem pelos insectos, como acontece ás pontes de madeira, nem se oxyda como as que são construidas de metal.

Actualmente a Academia franceza é composta dos srs: Mignet, Victor Hugo, duque de Noailles, Nisard, Legouvé, de Falloux, E'mile Augier, de Laprade, Jules Sandeau, duque de Broglie, Octave Feuillet, Camille Doucet, Cuvillier-Fleury, conde d'Haussonville, E'mile Ollivier, Xavier Marmier, duque d'Aumale, Camille Rousset, barão de Viel-Castel, Mézières, Alexandre Dumas, Caro, John Lemoinne, J. B. Dumas, Jules Simon, Gaston Boissier, Victorien Sardou, Henri Martin, Renan, Taine, duque de Audiffret Pasquier, Labiche, Maxime du Camp, Rousse, Pasteur, Sully-Prudhomme, Cherbuliez, e monsenhor Perraud.

Os dois logares vagos pelo fallecimento de Charles Blanc e de Champagny, cre-se que serão preenchidos pelos srs. Pailleron e de Mazade.

Transcrevemos do *Elvense*:

«O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente da Real Associação dos Architectos Cívis e Archeologos Portuguezes, esteve alguns dias em Evora, em cujo districto andou vendo onze dólmenes, em tres dos quaes mandou proceder a excavações, encontrando n'elles os vestigios correspondentes a estas construcções megalithicas.

O sr. Possidonio da Silva é um incansavel investigador d'antiguidades, que a bem da sciencia não se poupa aos incommodos que sempre trazem consigo estas explorações e viagens, principalmente para uma pessoa d'idade avançada, como elle é, ainda que robusta e promettedora.

Honra lhe seja.

Vae agora continuar as excavações perto de Thomar, nas ruinas da antiga Nabancia.

Em carta sua, que temos presente, nos dá noticia de que n'estas excavações se tem achado já quatro ruas calçadas, e as ruinas de 16 cazas, com as couceiras das portas de marmore, columnas com base e

capitel, medalhas, vidros, fivelas de cobre, freios de ferro, mosaicos, etc.»

Sobre a exposição de arte ornamental tem realizado o nosso illustre consocio sr. Joaquim de Vasconcellos algumas conferencias na sala da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes. Estas conferencias, inauguradas em 11 de maio findo, foram divididas em duas series; tratando-se, na primeira, o assumpto de uma maneira geral; na segunda, de uma maneira especial.

PRIMEIRA SERIE

1.ª conferencia. — *Classificação geral da exposição.* — As relações internacionaes da peninsula nos seculos XIV a XVIII. A historia da emigração artistica para a peninsula, por documentos ineditos. O elemento peninsular (hispano-portuguez) e estrangeiro.

2.ª conferencia — *Determinação dos caracteres da arte peninsular hispano-portugueza*, nos typos da exposição e em outros ineditos; a questão da originalidade; a relação de dependencia; as fontes da inspiração e da erudição artistica na peninsula.

3.ª conferencia. — *Sobre a influencia provavel da exposição.* Como deverá aproveitá-la o archeologo; como deverá aproveitá-la o artista e o artefice; sobre a antiga organização da officina na peninsula, por documentos ineditos; a nova organização da aprendizagem. Posição antiga e moderna do artista, do artefice e do erudito.

4.ª conferencia. — *A arte popular tradicional*; as suas raizes em Portugal na cidade e na provincia; o seu valor ideal e economico; o seu futuro. A arte academica e erudita e a arte espontanea; as suas relações reciprocas e seu valor respectivo.

5.ª conferencia. — *Recapitulação geral da primeira serie das conferencias.*

SEGUNDA SERIE

6.ª conferencia. — O que é arte industrial; systema de classificação. *A industria textil*; O vestuario e mobiliario na exposição e exemplares ineditos.

7.ª conferencia. — *A industria ceramica* (olaria) e do vidro. Esmaltes na exposição.

8.ª conferencia. — *A industria dos metaes preciosos* e não preciosos. A ourivesaria e joialheria, a serralheria, etc.

9.ª conferencia. — *A arte do livro.* A illuminura e sua relação com a imprensa. A gravura. A encadernação. Litteratura da arte na peninsula, antiga e moderna; os seus serviços e seus desvarios.

10.ª conferencia. — *Recapitulação geral da segunda serie das conferencias.* Lacunas da exposição. Prospecto para uma nova tentativa.

O conferente apresenta um abundante material illustrativo da sua collecção, sobretudo uma série de ineditos, desenhos, gravuras, photographias etc. de objectos, uns destruidos, outros subtrahidos das antigas collecções do paiz, e que desapareceram completamente; outros emfim que existem nas collecções europeas e nunca foram expostos nem reproduzidos em Portugal. Algumas d'estas reproducções são exemplares unicos.